

Poemas de
António M. Pereira
Carlos Machado
Edson Amaro de Souza
Pedro Reis
Rita Aleixo
Tiago Palma
Tiago Paredes

Seleção de
António Damásio
Bela Silva
Fernando Guerreiro
Guta Moura Guedes

Edição de
Ângela Correia
Beatriz Saraiva

Ilustrações de
Ângela Correia

Poetrónica



**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

L o N

Lisboa | Junho de 2018

Índice

Apresentação

A escolha de António Damásio

Fernando Pessoa, de Carlos Machado

Morte tranquila, de Carlos Machado

Mensagem psicografada do coronel Moreira César..., de Edson Amaro de Souza

A escolha de Bela Silva

Aragem, de Pedro Reis

A escolha de Fernando Guerreiro

A lanterna mágica, de António M. Pereira

Goteiras, de António M. Pereira

Regresso ao paraíso, de António M. Pereira

A escolha de Guta Moura Guedes

Antevendo a manhã, de Tiago Palma

O homem do carro azul, de Tiago Paredes

Home, de Rita Aleixo

Notas biográficas





Apresentação

A poesia é, ao mesmo tempo, o mistério e o instrumento de quem espera resolvê-lo. Por esta razão, o convite lançado aos poetas, quando em abril lançámos a ideia da *Poetrónica* n.º 1, falava de pensamento e linguagem. No caso da *Poetrónica*, deste número e dos que hão de vir, será esta a malha larga do repto: um pensamento próprio; uma linguagem capaz de o transmitir.

O convite já continha portanto escolhas de edição. Mas editar é escolher: quer se fale de textos ou de filmes, quer se fale de genes, não há edição sem escolha. Depois da receção dos poemas, fizemos a primeira seleção, e quisemos multiplicar os pontos de vista na seleção final. Pensando que nada do que é humano é alheio à poesia, que nenhuma linguagem humana é alheia à forma poética e que a poesia é um território exigente, convidámos pessoas com grande experiência de interpretação, em diversas áreas. António Damásio, Bela Silva, Fernando Guerreiro e Guta Moura Guedes aceitaram generosamente participar na segunda fase da seleção, recebendo apenas poemas sem identificação de autores. A *Poetrónica* tornou-se assim numa revista de poesia mais plural e independente.

A participação destas personalidades permitiu-nos, por outro lado, encontrar o elemento de organização e coesão que a história da edição de poemas em livro conhece como uma dificuldade a vencer ou um desejo a concretizar. Sirva de exemplo da história editorial a que nos referimos o caso de Oliveira Martins e Antero de Quental, que, ao editarem os sonetos do poeta, em 1886, encontraram na ideia de autobiografia



poética a unidade que procuravam para o livro de sonetos. Alfonso X, na Idade Média, tinha já explorado, com o mesmo efeito, a ligação entre a vida do rei e as Cantigas de Santa Maria, de que é declarado autor. Mas, neste caso, o tão almejado efeito de unidade foi reforçado por um complexo programa de ilustração.

Na *Poetrónica* n.º 1, o programa de ilustração é infinitamente mais modesto do que o dos extraordinários livros medievais de Cantigas de Santa Maria. Mas não foi esquecida a lição sobre o papel, que a ilustração pode ter, de ajudar o leitor a fazer o seu percurso pelo livro, sem deixar de notar os marcos estruturais por que vai passando.

Postas ao serviço da organização e da coesão, as imagens da *Poetrónica* n.º 1 foram manipuladas com grande liberdade. Não poderia ser de outro modo, uma vez que os livrónicos originais da Bibliotrónica, são aquilo que poderíamos chamar novos livros artesanais ou, melhor, digitais-artesanais: construídos página a página, com instrumentos digitais desviados das funções para que foram criados.

No momento em que entregamos a *Poetrónica* n.º 1 nas mãos dos leitores, queremos deixar o nosso agradecimento a todos os que nela participaram. Verdadeiramente gratas,

Ângela Correia e Beatriz Saraiva



A escolha de António Damásio

Em entrevista*, afirmou que o maior cientista de sempre na área em que trabalha foi W. Shakespeare.

António Damásio, neurocientista e professor na Universidade do Sul da Califórnia é autor de *O Erro de Descartes* sobre a relação entre a atividade racional e as emoções, e de muitos outros livros. Recebeu os prémios Grawemeyer, Honda, Príncipe das Astúrias, Pessoa, entre muitos outros. É Conselheiro do Estado português, desde 2017.

**Público*, 5 de novembro, 2017

Fernando Pessoa

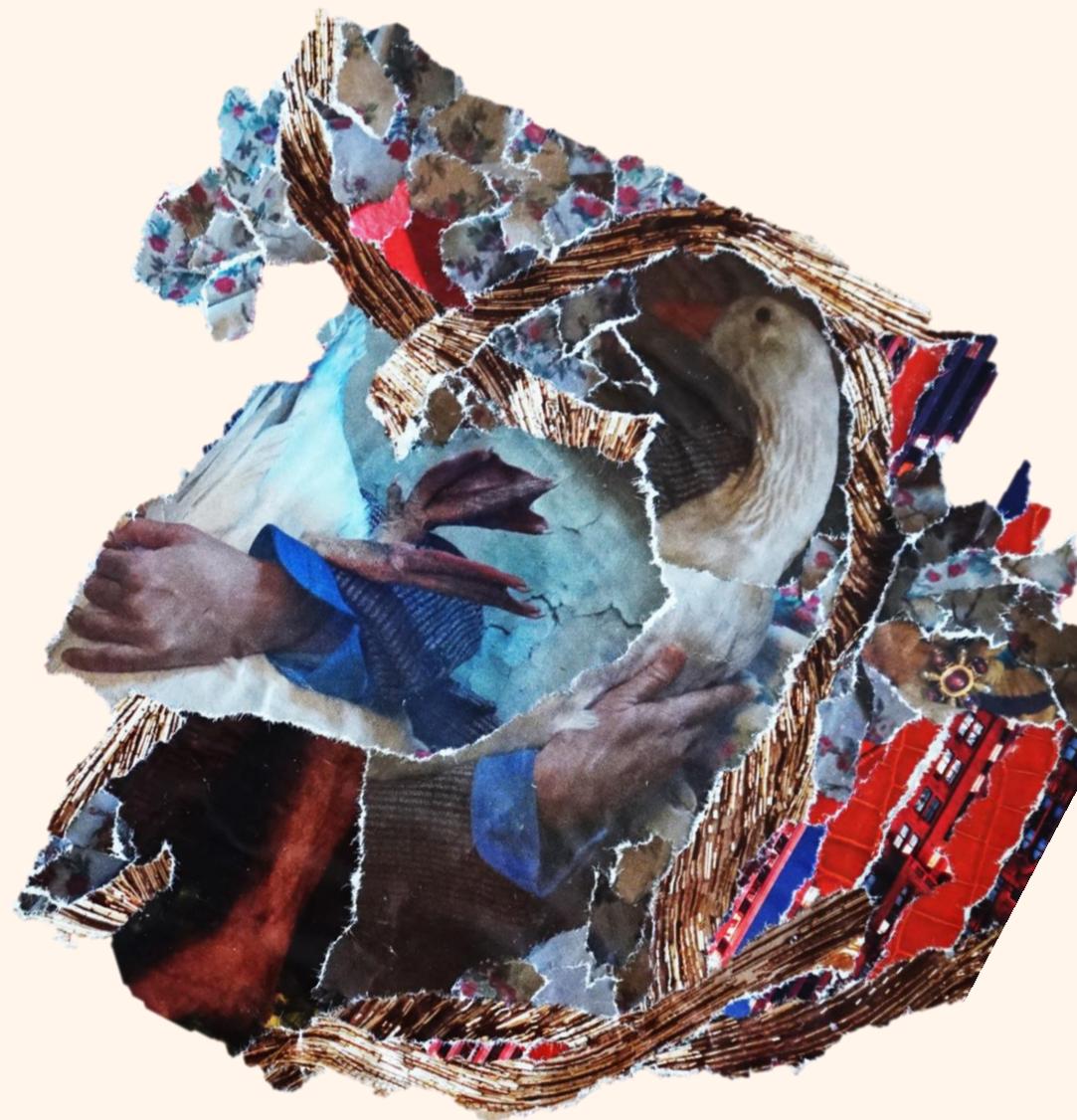
Pessoa não é pessoa
é estátua eterna sentada à mesa de esplanada
é chapéu, óculos e bigode
em postal
caneca de vidro
azulejo.
Só não é (que estranho) tabacaria.

E o desígnio transformante
de nomes sobre nomes
de um quinto encoberto (dos impérios, da discórdia, dos infernos?)
rouba-lhe a pessoa que foi
e passa Pessoa a ser alma de um país todo, de salgado gosto
atrás de Pessoa, sem saber que pessoa Pessoa foi.



Carlos Machado

E que diz Pessoa de tudo isto?
Alguém perguntou
se mais do que isto
Pessoa não desejou ser só Pessoa?
Ou simplesmente pessoa?



Morte tranquila

O brilho acobreado do sol de fim de tarde
pincela os gatos equilibristas no peitoril das janelas.
Resvala a luz pelas paredes brancas.
Eu sentado, nas sombras,
à espera de que os raios deslizantes
me encontrem no caminho.
Baixa a luz no horizonte dos telhados
vão-se os gatos
com as sombras.
E o silêncio dos passos deles a passearem-se no pensamento
a aconchegarem-se entre duas ou três ideias.

Ergue-se a brisa
um pássaro azul adeja



um bater de asas, leve e elegante
(não se ouve)
de graciosos movimentos
de um lento paralelo ao meu pensar.
Sacodem as persianas corridas a metade.
O vento a varrer as últimas centelhas reluzentes
do astro que se esconde.

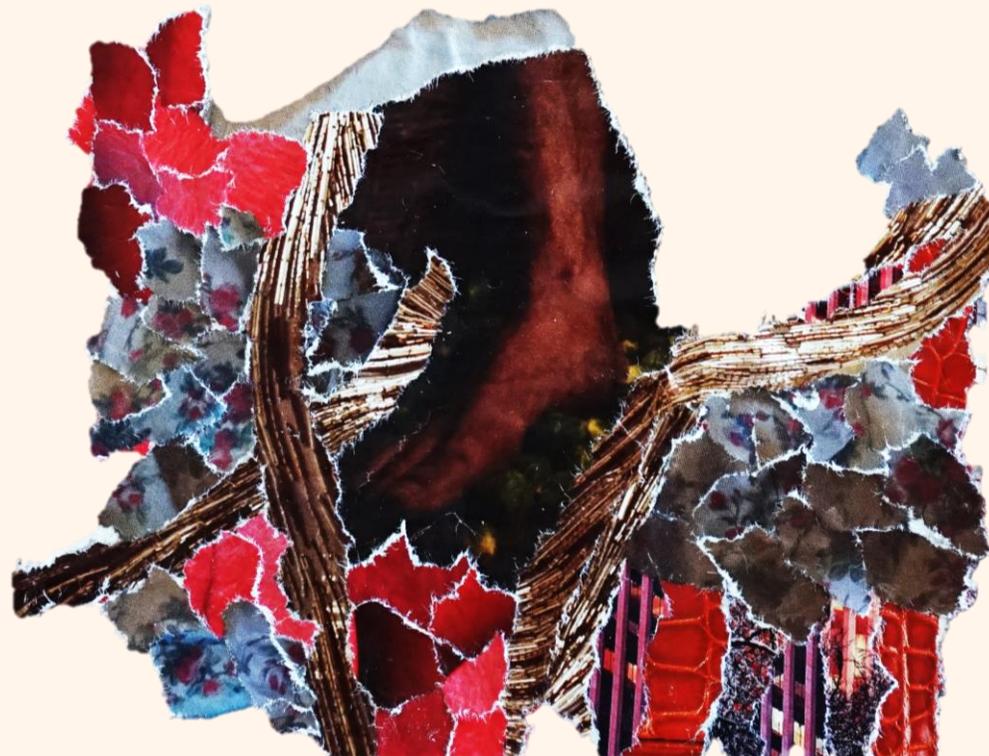
E eu oiço-te
roçagante
a arrumares as coisas do dia
a despertares com vagares todas as coisas da noite.
Vens junto a mim e espantas os gatos enroscados no meu espírito
ocultas o pássaro azul em direcção à luz.
Cobres-me definitivamente com a manta do fim da tarde
com as sombras.



Mensagem psicografada do coronel Moreira César, herói da Guerra de Canudos, em louvor aos defensores da ordem

Musa, canta a miopia geográfica da polícia militar zelosa defensora da Lei e protetora dos cidadãos de bem.

Em 26 de dezembro de 2012
na Rua Félix Fagundes, na cidade de Avaré
um homem
lixeiro por profissão
foi abordado por um policial e levantou os braços
mas o valente defensor dos cidadãos de bem
viu uma Bíblia em seu bolso
pensou que fosse uma arma
e o matou com um tiro no pescoço.
Se ele fosse um desembargador, isso não aconteceria
pois, no Brasil, todos os desembargadores são católicos, até prova em contrário



e católico não precisa andar com a Bíblia na rua
porque os textos sagrados são distribuídos na entrada da missa.

Em 30 de outubro de 2015
no bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro
dois rapazes andavam de moto
e carregavam um macaco hidráulico.
A polícia confundiu o instrumento com uma arma
e matou os dois rapazes.
Mas a polícia encontrou maconha em posse dos mortos.
A presença da erva maldita junto às vítimas
deve ter provocado a distorção da luz ao redor delas
ou irritado as vistas dos justos homens da lei
- mesmo à distância, a erva do Diabo irrita os olhos de quem defende a ordem -
o que levou a polícia a cometer esse erro -
mas o erro não teria acontecido, se os pecadores não usassem maconha.
No Jardim de Alá, ninguém usa maconha
- exceto quando tem Marcha da Maconha (junta herege que só vendo!) -
e por isso esses enganos não acontecem por lá.



No dia 30 de junho de 2016
no Morro do Borel, também no Rio
a polícia confundiu um saco de pipocas com um embrulho de drogas
e matou um adolescente.
No Leblon, isso não aconteceria
porque os moradores do Leblon não comem pipoca.

Apesar da miopia que afeta tão seriamente os bravos defensores da paz
temos muito orgulho na polícia militar.
Mas gostaríamos de que o secretário de Segurança
o ministro da Saúde
e o cardeal-primaz do Brasil
se reunissem
e chamassem oftalmologistas, geógrafos e teólogos

para tentarem explicar o estranho fenômeno
dessa miopia geográfica
que só se manifesta nas áreas mais pobres de nossas cidades.
É até estranho que eles consigam dirigir viaturas nessas áreas



sem problemas de visão.
Mas quando chegam à Vieira Souto
aos Jardins Paulistas
Ah, cientistas descrentes!
nessas áreas abençoadas de nossas metrópoles
o Espírito Santo desce e cura seus olhos de todas as imperfeições.
Vê lá se um morador do Jardim Guedala
ou da Avenida Nossa Senhora de Copacabana
vai temer a aproximação desses anjos fardados?
Não vimos recentemente
nas patrióticas passeatas contra a presidenta comunista
os sorridentes manifestantes tirando fotos
ao lado dos gentis policiais?
Por que os favelados não sabem confraternizar assim
com os agentes da segurança pública?





A escolha de Bela Silva

Em entrevista*, afirmou que se entende como uma mulher do mundo, mas que passou a língua portuguesa ao filho e que ele lhe agradece por isso.

Bela Silva, artista plástica, é autora dos azulejos da estação do metro de Alvalade e criou para a Hermés, *The New York Times*, o Centro Cultural de Sakai, no Japão, a Bordallo Pinheiro e Viúva Lamago. Com *atelier* em Bruxelas, expôs por todo mundo, incluindo Chicago, Japão, Lisboa e China.

*UP Magazine, 1 de maio, 2018

Aragem

Este verão é longo e quente
e estranho.

No quintal só passa o vento
e um pássaro de vez em quando.

O vento sopra-nos de lado quando passa
o pássaro bate as asas de mansinho para não darmos por ele.

Nenhuma palavra é suficiente
para matar a saudade fina
que me nasce à flor da pele.





A escolha de Fernando Guerreiro

Em entrevista*, afirmou que o real é um risco.

Fernando Guerreiro, ensaísta, poeta e investigador, é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e autor de diversos livros e artigos sobre cinema e literatura.

*À *Pala de Walsh*, 26 de fevereiro, 2018

A lanterna mágica

Não passamos de figuras projetadas na parede de um quarto escuro: luz a que uma lanterna mágica deu formas e cores talvez para entretenimento de algum deus-menino aborrecido.

A nossa génese não se prolonga além dos recortes das lâminas de vidro que são colocadas no interior do aparelho e, por isso, não conseguimos ver. O nosso fado – não mais que a parede aonde calha ser apontada a projeção...

Por vezes, num instante sublime, fervilha em nós uma ânsia incerta que é a nossa única real fantasia: a ânsia de pegar numa faca e desferir golpes na lanterna, perfurá-la, rachá-la ao meio – libertar a luz, deixá-la espalhar-se pelo quarto, indefinir-se...



Goteiras

Por nos esquecermos de que somos feitos de água
erguemos tetos para nos abrigarmos da chuva
e amortalhámo-nos entre as paredes que os sustêm.

Trocámos o oceano pela humidade
o horizonte aberto das praias pelas telas recortadas de janelas...
Já fomos Atlântico
– hoje somos o musgo das pedras à beira-rio.
Já não sentimos sequer necessidade de ir ao mar em busca de alimento fresco:
para sobreviver basta-nos o que sobra do pão, depois de rasparmos o bolor.

Conseguimos muito.
Conseguimos expandir até aos astros a nossa grande mortalha terrena...



Só não conseguimos travar a chuva.
De noite,regelados e exauridos, ansiamos por calor
mas a água abriu goteiras em redor das salamandras...
Pouco a pouco, as paredes enegreceram
e nós enverdejámos.



Regresso ao paraíso

O homem não é, como o poeta acha, do tamanho do que vê
mas do tamanho do que queima.

No início, no jardim antigo, as águas dos lagos e dos riachos eram tão límpidas
que o homem não podia ver nelas o seu reflexo.
Se há um diabo, ele repousa no brilho das pupilas em que nos vimos a nós mesmos pela primeira
vez.

O homem olhou o homem nos olhos, e conheceu-se
– logo se lhe inflamaram as íris de um vermelho febril e sanguinário...

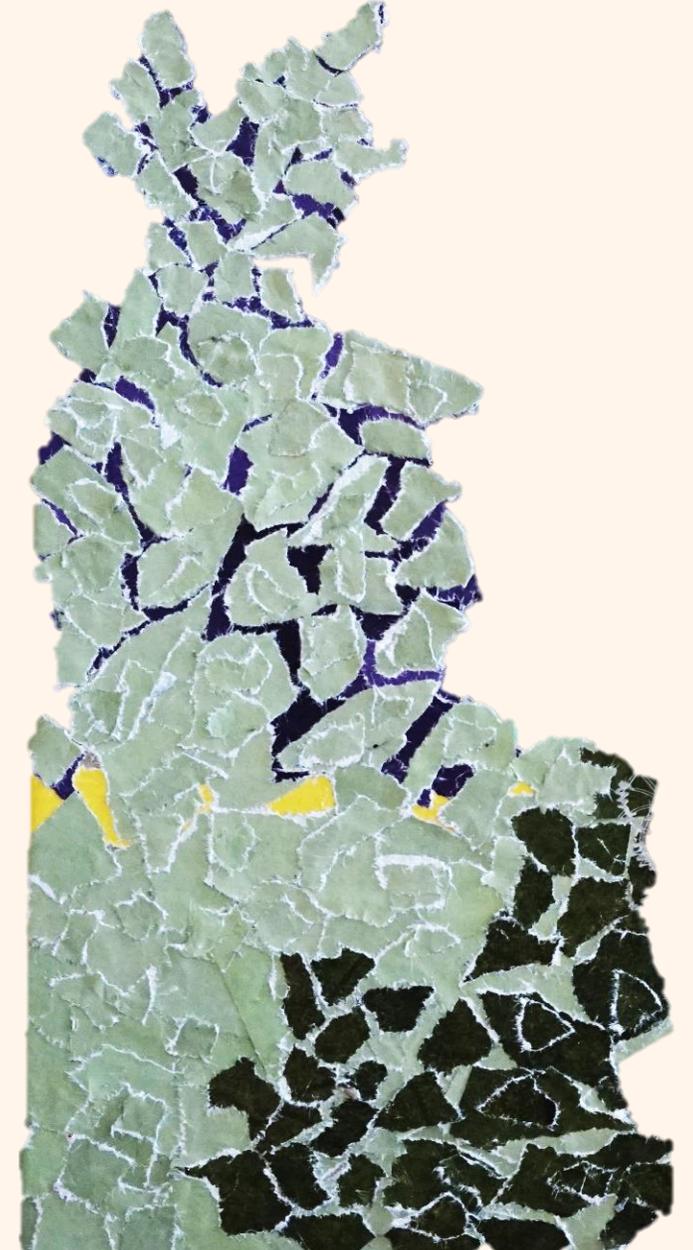
Não fomos expulsos do jardim:
carbonizámo-lo.



António M. Pereira

A chama humana cresceu com tamanha violência
que só com um dilúvio Javé conseguiu pôr fim ao incêndio.
O arcanjo de espada flamejante não é o guardião do paraíso:
é o curador do cemitério de cinzas que ainda perdura em seu lugar
- memorial da génese da degenerescência...

Ainda podes encontrá-lo, lá nos confins do Oriente:
uma língua incandescente no seio da terra morta.
Engole a espada, extingue o seu fogo na tua garganta húmida
e o vapor do teu hálito elevar-se-á até Deus.





A escolha de Guta Moura Guedes

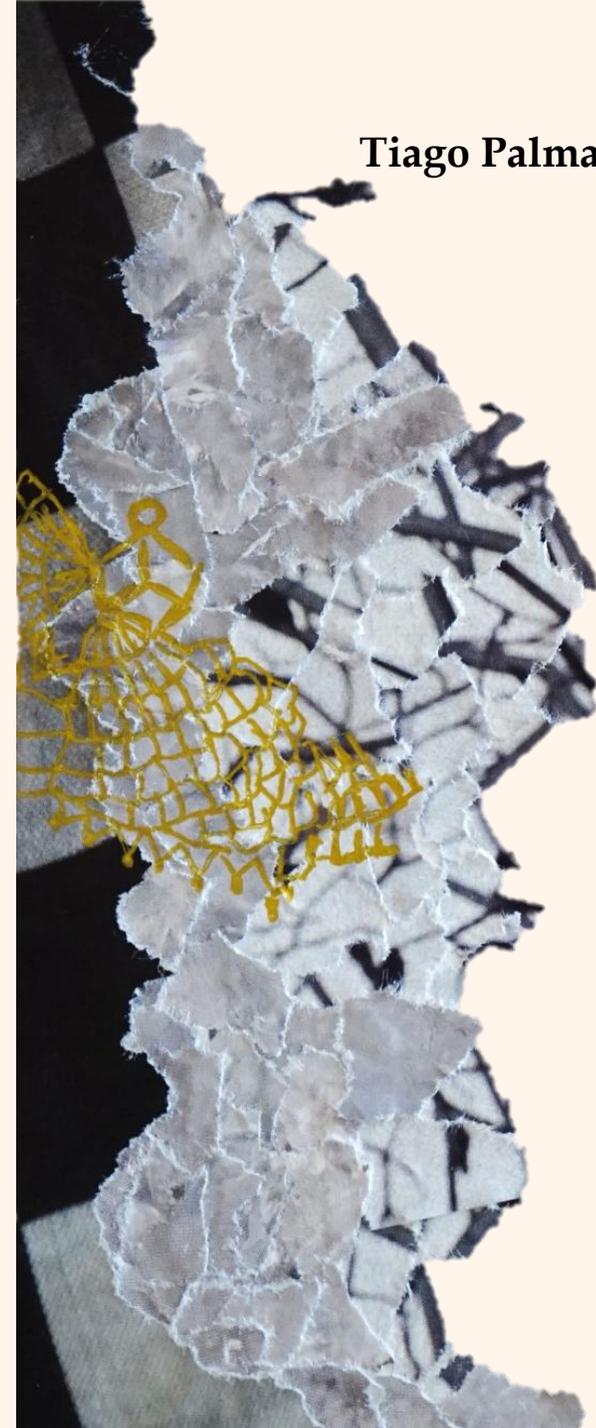
Em entrevista*, afirmou que tudo é possível desde que seja real.

Guta Moura Guedes, *designer*, curadora, co-fundadora e presidente da associação Experimenta Design, participa em júris de prémios internacionais de *design*. Escreve regularmente sobre *design*, nomeadamente no semanário *Expresso*.

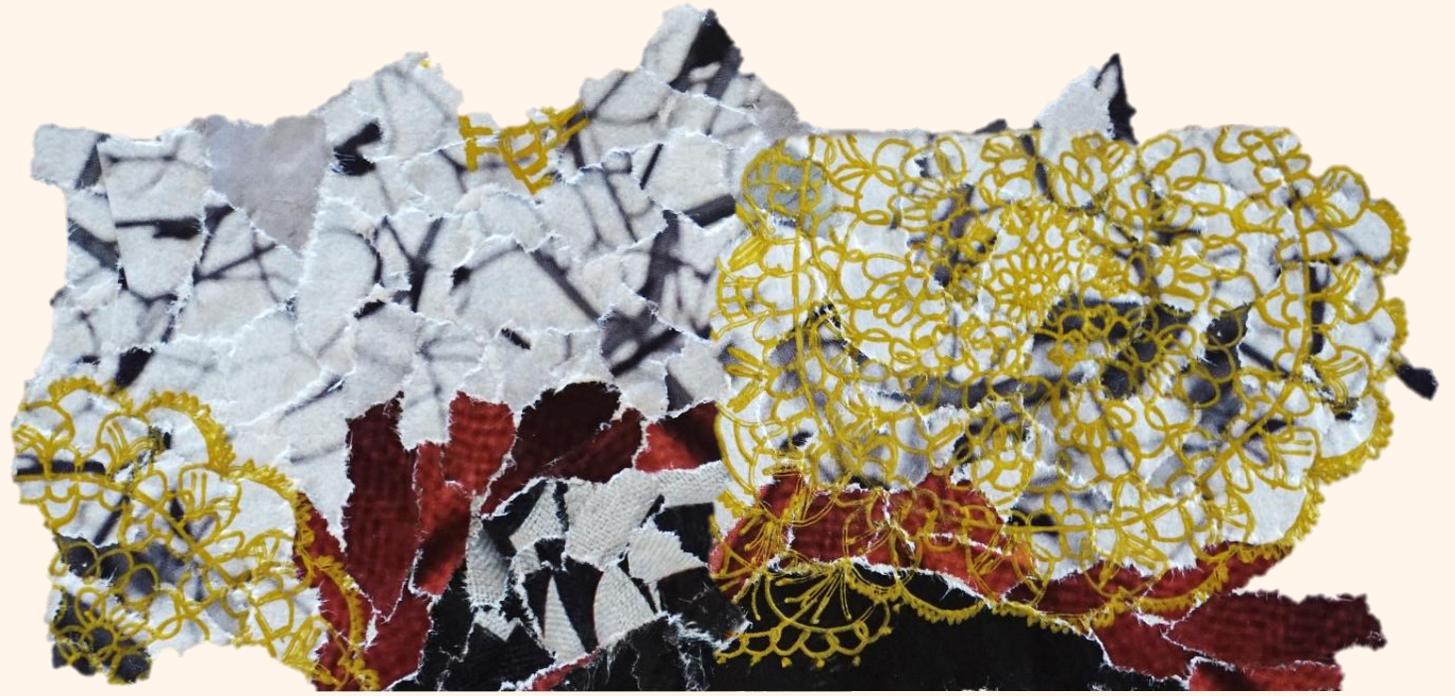
**Expresso*, 9 de agosto, 2010

Antevendo a manhã

Desperto, não sei se com as aves
ou o futuro que a manhã arrasta.
Volto-me na cama
e estás deitada a um afago de mim.
Ouço-te a respiração (quase inaudível ou brisa) sobre a almofada
e até na quietude me soas a canção, amor.
Vives.
Reconheço em ti o rosto que me salva
e vivo eu.
Há claridade no quarto
que irrompe longitudinal dos estores
e denuncia roupa despida de corpo
mas é ainda cedo para me arremessar ao chão.
O gato está-nos aos pés
à caça de moscas

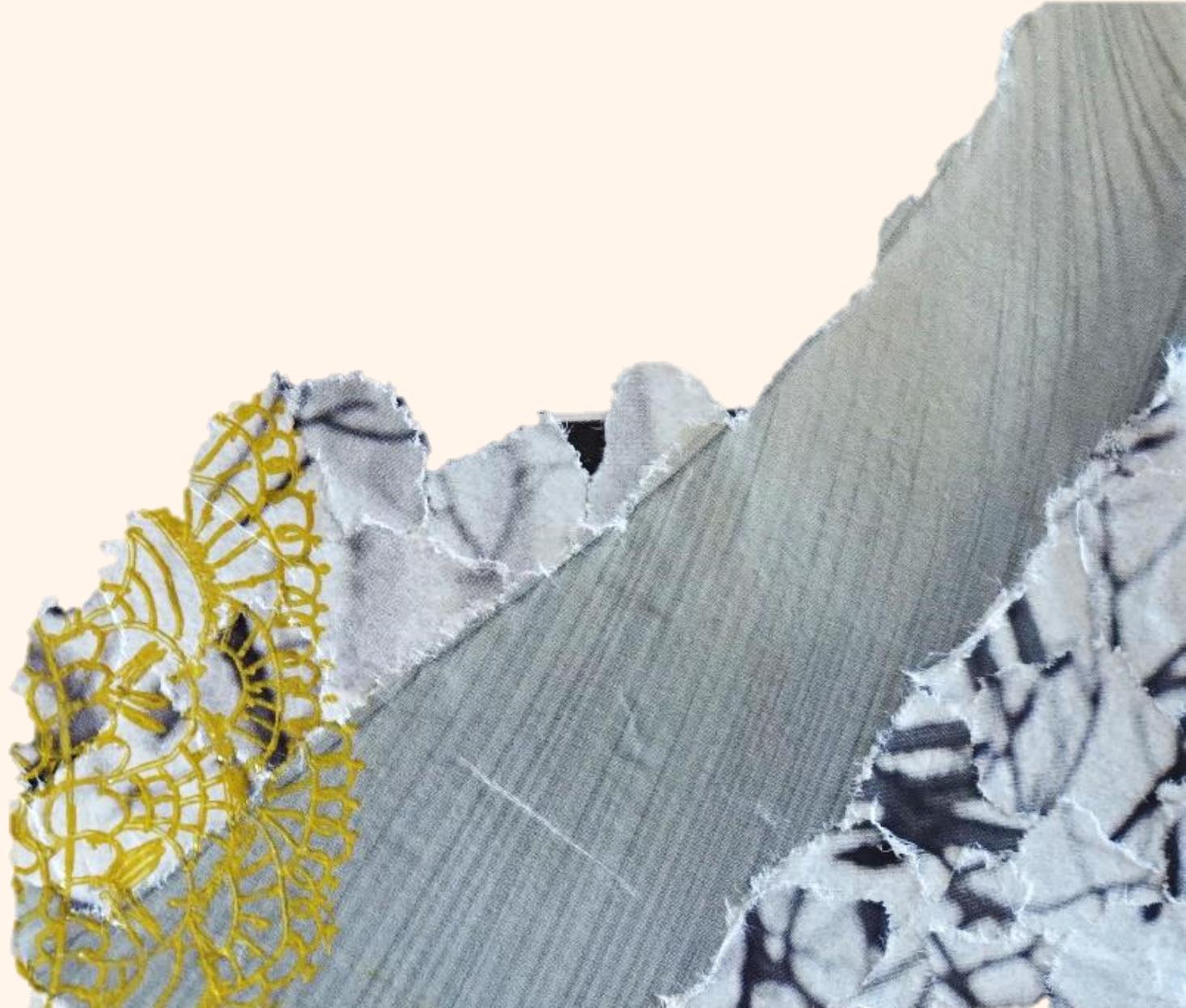


ou afastando demónios.
Ajeito nos teus ombros nus o lençol
e torno a adormecer
de olhos pousados nos teus.
E digo-te, sussurrando, esta oração
que não escutarás:
que todos os despertares sejam em ti.



O homem do carro azul

O homem do carro azul
procura distração.
Percorre ruas
inventa casas
inventa canções que não
passam na rádio.
Não conhece as regras de condução
nem tampouco quer
conduzir um automóvel.
O homem está cansado
e isso basta.



Rita Aleixo

Home

Tudo o que escrevo é literal.

Perdi o mistério, o ponto de interrogação que pairava de cada vez que o teu nome fugia por entre as linhas.

Tudo tem sentido.

Quem sou eu para dar às palavras outra vida que não esta se na sua mutação perco tanto e deixo escapar o teu nome.

Tudo passa.

E até poderemos escrever um dia sem figuras de estilo como faço agora na esperança de agarrar o teu nome esquivo para o devolver à casa.



Notas biográficas

António M. Pereira nasceu em Lisboa há 24 anos. Licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas e continua a estudar. Vive atualmente em Abrantes.

Carlos Machado nasceu em Venda Nova, Montalegre, há 64 anos. É licenciado em Engenharia Eletrotécnica e em Filosofia e reside atualmente em Lisboa. Opta pelas regras ortográficas anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990.

Edson Amaro de Souza nasceu em Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, há 42 anos. É licenciado em Letras e vive atualmente no Rio de Janeiro.

Pedro Reis nasceu em Rendufas, Torres Novas, há 55 anos. É licenciado em Filosofia e vive em Campo Maior onde é professor.

Rita Aleixo nasceu em Alverca do Ribatejo há 27 anos. Reside atualmente em Lisboa, onde se licenciou em Línguas, Literaturas e Culturas e onde é bibliotecária.

Tiago Palma nasceu há 30 anos em Lisboa, onde se licenciou em Jornalismo e onde exerce a profissão de jornalista.

Tiago Paredes nasceu em Chaves há 18 anos. Reside em Valpaços, onde se formou em Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e onde é técnico informático.

Ângela Correia nasceu em Maputo há 51 anos. Vive atualmente em Lisboa, onde se doutorou em Literatura Portuguesa, e é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Beatriz Saraiva nasceu há 22 anos em Lisboa, onde se licenciou em Línguas Literaturas e Culturas. Está de partida para Edimburgo, onde fará um mestrado em Estudos Comparatistas.

Poemas de

António M. Pereira
Carlos Machado
Edson Amaro de Souza
Pedro Reis
Rita Aleixo
Tiago Palma
Tiago Paredes

Seleção de

António Damásio
Bela Silva
Fernando Guerreiro
Guta Moura Guedes

Edição de

Ângela Correia
Beatriz Saraiva

Ilustrações de

Ângela Correia

Poetrónica



**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa | 2018

L o N